## 2 — DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

# SAUDAÇÃO A CAIO LÓSSIO BOTELHO

*Manuel Lima Soares*

Cumprindo gostosamente uma determinação de nosso Presidente, aqui estou, não apenas em nome do formalismo, mas sobretudo na qualidade de amigo e admirador, para saudar o novo sócio efetivo do Instituto do Ceará, na noite de sua posse, Professor Caio Lóssio Botelho.

Neste instante solene e único, devo percorrer, de forma sumária, o *curriculum vitae* do recém-chegado e produzir o merecido elogio, justificativo de sua escolha para a Instituição. Caio Lóssio Botelho é pessoa a quem respiro de perto, desde verdes anos. No colégio, nos afazeres, nas agremiações, temos pelejado juntos. E tais circunstâncias eu não as poderia olvidar nesta solenidade.

Perquirindo a memória do tempo e do coração aparecem-me os dias iniciais do convívio com o homenageado, que remontam aos idos de 1945, no ambiente do velho Liceu do Ceará, ele primeiranista ginasial e eu então já aluno do chamado curso científico. Caio Lóssio Botelho era sempre do meu partido, em todas as campanhas, para elegermos as diretorias do Centro Liceal de Educação e Cultura, para escolhermos líderes e representantes, para influirmos na política do Centro Estudantal Cearense.

As lembranças se atropelam e as recordações não podem ser sopitadas quando o nome do Liceu do Ceará nos vem aos lábios. Fomos educados na veneração daquele estabelecimento de ensino cujo centenário ocorreu quando ainda éramos do seu corpo discente. Tal como Deusdedith Sousa, no seu Poema do Liceu Imortal, não nos cansávamos de proclamar-lhe as glórias, repetindo o nome de seus filhos geniais e decantando-lhe os cem anos de labor, os cem anos de grandeza.

A ocasião é propícia para relembrar estes episódios. Esta Casa é um baluarte da cearensidade. E se a posse de um noviço enseja a menção de fatos e pessoas componentes da alma alencarina, como o são as particularidades do Liceu do Ceará de antanho e as figuras que lhe deram vida, nada mais adequado e condizente, porque afinal cultuar o velho Liceu é alimentar a cearensidade.

Ficaram conosco, como relíquias de nossas peregrinações lceais, afora os dados fascinantes da secular tradição histórica, as impressões deixadas

pelos professores que com mais nitidez compuseram o quadro humano do Liceu

Não nos sai da mente o renomado Martinz (com "z", como fazia questão) de Aguiar e suas aulas de Português, profundas, alegres e singulares. O venerando professor Silveira e suas tranqüilas aulas de Espanhol. O lente de Latim, Padre Quinderé, o bom expositor de história, Hermenegildo Firmeza, o profundo conhecedor da cultura clássica, Joaquim Albano, o metódico Raimundo Gurgel, o poliglota Deoclécio Ferro e o famoso César de Adolfo Campelo, boêmio e didata. Igualmente a retentiva não esquece o paciente Autran Nunes, o persistente Waldemar Barros, o boníssimo Chico Matos, o competente e enérgico Dario Soares, além do extraordinário exemplo de dedicação e força de vontade que foi Ademar Nunes Batista. Por outro lado fazemos justiça a Otávio Farias, administrador sério e sabedor do vernáculo, ao extrovertido Byron de Oliveira Freire, bem como guardamos os bons momentos de Antônio Pimentel e seus quadros-negros cheios de desenhos, das intervenções de Torquato Porto, sempre sonoramente dramático e das excentricidades do personalíssimo método de ensino de Antônio Teófilo. Tais mestres, agora no Oriente Eterno, o Mundo dos Espíritos, pertencem ao passado. Cumpriram sua missão, uns plena, outros relativamente. A reminiscência desta hora é uma evocação da saudade.

Para essa perfumosa irradiação intelectual que gostosamente sorvemos, Caio Lóssio Botelho e eu, contribuíram também as pessoas dos mestres que ainda têm presença e voz altiva nas letras cearenses, como Jáder de Carvalho, Aderbal de Paula Sales, Raimundo Ernani de Castro e Silva, Moacir Teixeira de Aguiar, Hugo Lopes, Odilon Braveza, Edmilson Sousa Lima, Domingos Braga Barroso, Boanerges Sabóia, Boanerges Luz e outros, que emigraram para outras paragens ou encerraram as atividades.

De toda essa coorte de beneméritos enorme foi a influência em nossas existências. Acho que posso responder por mim e por Caio Lóssio Botelho. Professores ambos, vezes inúmeras exteriorizamos o Liceu do Ceará de nossos mestres, em nossas práticas docentes.

Contudo, Caio Lóssio Botelho iria dispor de invejável formação doméstica, da assistência constante e desvelada de seus pais, Jacinto e Aurenívea Botelho, que reconhecidamente lhe tutelaram os passos e lhe estimularam o progresso alcançado pela vida afora. Daí, pois, deve principiar a louvação e a nossa compreensão de sua permanente e sincera exaltação aos progenitores, na comovente e saudável obediência ao mandamento de honrar pai e mãe.

Decidindo-se pelo magistério, a educação superior de Caio Lóssio Botelho, seu curso de formação profissional, sua pós-graduação e seus cursos de extensão, embora variados, foram precipuamente orientados para a área geográfica.

O primeiro deles foi o de bacharelato e licenciatura em Geografia e História, em 1956 e 1957, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Ceará. No Centro Pan-Americano de Recursos Naturais, órgão da Organização dos Estados Americanos, em 1966, recebeu diploma de Geógrafo e Técnico em Planejamento Regional e Foto-Interpretação. Também a OEA lhe concedeu o título de Engenheiro-Geógrafo, em 1967, e o de Doutor em Planejamento Regional e Geografia Integral, em 1968. A geografia fê-lo freqüentar em 1957 um curso da CADES, de difusão e aperfeiçoamento da disciplina no curso secundário, e no mesmo ano um Seminário, com o mesmo objetivo. Em 1963 sua atenção se voltou para um Curso de Iniciação à Geografia urbana, na UFC, e em 1973 para um Curso de Métodos Quantitativos em Geografia analítica, na Fundação IBGE.

A antropologia mereceu os cuidados do Professor Caio Lóssio Botelho. Nessa matéria ele se tornou preparador físico e cultural, em 1957, tendo em 1961 integrado um Curso de Antropologia Filosófica, na UFC. Noutros setores, em 1964 participou do Ciclo de Estudos da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, ADESG. E, finalmente, em 1976 bacharelou-se em Administração, pela Escola Estadual, agregada à UFC.

Caio Lóssio Botelho, na sua galharda luta pela ascensão no magistério, sempre buscou obter a regência das disciplinas que leciona mediante concurso público. Foi assim na Academia de Polícia Militar General Edgar Facó, onde é catedrático de Geografia e Geopolítica, desde 1959. Igualmente aconteceu em Brasíla, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na Faculdade de Ciências Econômicas e de Administração Pública e na Prefeitura do Distrito Federal, quando por lá esteve, entre 1967 e 1969. Concursos vários ele os fez, com pleno sucesso, na Universidade Federal do Ceará, inclusive o de Livre-docente de Geografia Econômica, em que tive o prazer de ser um dos seus examinadores, em 1978.

Os cargos ocupados por Caio Lóssio Botelho condizem perfeitamente com a sua especialidade cultural. Avultam os de professor, em todas as divisões e subdivisões da ciência geográfica e nos assuntos afins, em Fortaleza e Brasília, onde deu também a sua contribuição, como bom cearense andejo, no final de década de sessenta. E como professor geriu subchefias e Chefias de Departamentos, foi Diretor do Centro de Ciências e Tecnologia, da UECE, e Orientador de Mestrado em Geografia Econômica, no Distrito Federal. Como Geógrafo, atuou como Assessor do Ministério Extraordinário para Coordenação dos Organismos Regionais, na gestão de João Conçalves de Sousa, em 1967. Coordenou o Estudo Geo-sócio-econômico do Estado do Ceará, do qual redigiu o capítulo "O Espaço Cearense", na Superintendência do Desenvolvimento do Ceará, SUDEC, repartição em que era Diretor do Departamento de Recursos Naturais, de 1970 a 1971, e onde chegou a ser Superintendente substituto. Na Prefeitura Municipal de Fortaleza funcionou na Coordenação da Equipe Técnica de

Acompanhamento do Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza, PLANDIRF, de 1970 a 1972, ocasião em que estivemos mais uma vez juntos a trabalhar. E por último, foi um dos técnicos utilizados no ITERCE, o Instituto de Terras do Ceará.

Homem participativo e imbuído do ideal de servir, Caio Lóssio Botelho tem ligado sua atividade a muitas e importantes associações culturais e científicas. Desde 1963 é membro da "The National Geographic Society", dos EUA, e de 1966 a 1968 presidiu a Associação Pan-Americana dos Diplomados em Recursos Naturais, da OEA. Pertence à Associação dos Geógrafos Brasileiros, ao Congresso Brasileiro de Geografia e História, do Distrito Federal, à União Brasileira de Ciências Antropológicas e Etnológicas afora as entidades estaduais e locais, como a Sociedade Cearense de Geografia e História, cenáculo em que fomos recebidos no mesmo dia, a 31 de agosto de 1958, o Instituto Cultural do Cariri, a que não poderia faltar, como sócio correspondente, vez que nasceu em Juazeiro do Norte, as sociedades classistas, como a dos Professores licenciados do Estado do Ceará, APLEC, e a dos Professores do Ensino Superior do Estado do Ceará, APESC. E é imprescindível salientar a sua condição de rotariano, meu afilhado no Rotary Clube de Fortaleza-Sul, que dirigiu com descortínio, gestão 1978/79.

Dos livros escritos por Caio Lóssio Botelho destacamos cronologicamente "Geoclimorfologia no Tempo e no Espaço", Ed. A. Batista Fontenele, 1959, "A Geopolítica — O Brasil em face desta Ciência", Ed. Progresso, 1961, "Geografia Dinâmica do Ceará — Evolução da Infra-estrutura Civilizatória Cearense à Luz de sua Filosofia Geográfica", Ed. Voz de São Francisco, 1965, todos com circulação em noso Estado, mais ainda o trabalho "A Geografia e a Geopolítica na Organização do Espaço Brasileiro", de 1973, e a tese com que auferiu brilhante aprovação como Livre-docente de Geografia Econômica da UFC, "A Geografia Econômica na Organização do Espaço Regional", de 1978.

Até agora, a obra mais propagada e discutida de Caio Lóssio Botelho tem sido o seu "Brasil: A Europa dos Trópicos", que é, conforme a sua abordagem, uma vista da evolução da infra-estrutura civilizatória brasileira à luz de sua filosofia geográfica.

Mediante o Autor, a semelhança entre a Europa e o Brasil estaria no papel geo-histórico que a primeira desempenhou e o segundo exercerá na liderança geopolítica. Assim como a Europa liderou, no século passado, a geopolítica dos países temperados, o Brasil estaria predestinado a comandar futuramente a geopolítica dos países tropicais. Verdadeira Nação-Continente, em virtude de sua considerável superfície territorial, o Brasil apresenta como denominador comum a sua Tropicalidade, não obstante possuir zona equatorial, tropical e temperada dentro de suas fronteiras. Esta é uma posição ímpar, assegurando ao Brasil a viabilidade de uma liderança no Mundo Tropical, não só pelas suas características no pano-

rama geográfico, como no antropológico, econômico e social, pelo fato de sermos nos Trópicos a Nação mais populosa, a de mais adensamento de população branca, a mais rica e de maior desenvolvimento cultural e humano. Daí a proeminência em que se poderá colocar o Brasil na América e no Mundo, como guia da latinidade no Globo e no Hemisfério. *Seríamos no porvir a cabeça pensante do mundo tropical,* como foi a Europa em relação aos países do mundo temperado.

É uma visão geográfica de conceito dinâmico, que não despreza, antes explica, as crises profundas que nos assaltam, as quais seriam resultantes, em última análise, do embate com as novas experiências, advindas no movimento estrutural da cristalização do nosso equilíbrio geopsicossocial, no rumo de nossa maturidade como povo. Em nosso entender, para o Autor todos os óbices seriam meramente circunstanciais, nada evitando o fim colimado, pois "A Geografia traça, até certo ponto, a diretiva civilizatória dos povos", dizendo Scharader, em quem se apóia, que por mais que o Homem reaja são inflexíveis as forças naturais.

O livro aludido veio a lume, como os demais, em Fortaleza, em 1963, Ed. O Nordeste, e repercutiu fora do país, tendo sido traduzido para o francês por André Allix, *Professeur de Géographie Générale, Recteur de L'Université de Lyon, Professeur Honorable de Géographie à la Faculté de Lettres.* A Gráfica Record Editora, do Rio de Janeiro, em 1967, lançou a obra em edição nacional.

Tomás Pompeu Sobrinho, o *primus inter pares* de nossos geógrafos, opinou que "Brasil: A Europa dos Trópicos" oferecia aos estudiosos da Geografia marcada importância, não só por alargar os conceitos da geografia brasileira como por lhes dar características muito interessantes. E ampliando sobremaneira a utilidade do trabalho recomendou-o não somente aos alunos dos Cursos de Geografia, mas aos ADMINISTRADORES DAS COISAS PÚBLICAS e aos filósofos da "Ciência da Terra".

Insisto, então, neste momento, na recomendação do autor de "Esboço Fisiográfico do Ceará" e de "Protohistória Cearense". Que os homens públicos, especialmente os tecnocratas, leiam e discutam "Brasil: A Europa dos Trópicos". nas trevas densas da pior crise em que nos vemos mergulhados é mais uma luz entre as pouquíssimas que nos alumiam no fundo do poço!

Ainda teria muitas coisas a dizer sobre Caio Lóssio Botelho. Que no Liceu não fomos apenas contemporâneos, aliados em política estudantil e abrasados no mesmo amor ao estabelecimento glorioso. Que no Liceu nos reencontramos, como professores, no Departamento de Geografia, que dirigi por vários anos, na década de sessenta. Que partilhamos diuturnamente de belas promoções da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, CADES, infelizmente extintas e que deveriam ser restauradas urgentemente para a fortificação do ensino médio. Que dialogamos na equipe da edilidade fortalezense que acompanhou o estudo do

processo de metropolização de nossa capital. Que continuamos a nos dedicar à vida associativa, na Sociedade Cearense de Geografia e História, e ao ideal de servir, no Rotary Clube de Fortaleza-Sul. Muitas coisas, repito, teria ainda de dizer, para melhor esboçar os traços gerais do perfil daquele a quem eu devo saudar.

Porém, quero crer que o essencial eu alinhei nestes períodos, em meio a retratos e lembranças. Ao divisar Caio Lóssio Botelho a empossar-se nesta sala, contudo, onde outrora, vezes sem conta, prelecionamos Geografia ou História, já que aqui também funcionamos no Ginásio, depois Colégio Municipal, quase consigo ouvir o eco das vozes de colegas outros, agora na espiritualidade, como a do próprio pai do ingressante, Jacinto Botelho, tal como ele professor de Geografia, Padre januário Feitosa, com os seus chistes e suas lições de Latim, Públio Lopes Filho, com a sua seriedade e a sua bagagem cultural de médico e agrônomo, Solon Farias, mestre de Desenho e alma enciclopédica, e Luís Róseo, misturando animação e música. As vozes se transformam em aplausos, unidos aos de nós todos, magnificando o companheiro laureado, o cidadão que sempre prodigalizou à mocidade parcelas e mais parcelas de seu saber, o novo sócio efetivo eleito para substituir Josa Magalhães na Casa do Barão de Studart.

Por mim e por todos vibro com o evento. E peço a Caio Lóssio Botelho que tome assento na Cadeira que lhe é destinada. E que nos continue a dar o que muito ainda promete a sua privilegiada especialização cultural e sua disposição para o trabalho.

Em 04.04.84